



Nova exposição  
no Inhotim  
apresenta obras  
fotográficas  
e audiovisuais  
de artistas  
indígenas da  
América do Sul

*Os trabalhos passam a integrar  
a Galeria Claudia Andujar |  
Maxita Yano por tempo  
indeterminado, com o intuito  
de aprofundar novos diálogos  
e reflexões sobre as  
existências indígenas*

O Instituto Inhotim apresenta uma nova exposição na Galeria Claudia Andujar, que agrega ao seu nome o termo *Maxita Yano* – "casa de terra" na língua Yanomami. Marcando os dez anos desde a sua inauguração, em 2015, a Galeria Claudia Andujar | Maxita Yano recebe agora os trabalhos de 22 artistas indígenas da América do Sul, tratando de temas como o ativismo e a luta indígenas, o debate sobre imagem e fotografia, e as alianças entre diferentes povos. O conceito curatorial traz como proposta o diálogo entre Claudia Andujar e artistas indígenas contemporâneos, assim como uma nova expografia que pretende dar maior ênfase na potência política da artista.

Integram a nova exposição de longa duração obras de Denilson Baniwa (AM), Paulo Desana (AM), Edgar Kanaykõ Xakriabá (MG), UÝRA (AM), Tayná Uráz (RJ), Graciela Guarani (MS), Alexandre Pankararu (PE), Renata Tupinambá (RJ), Tiniá Pankararu Guarani (PE) e Hutukara Associação Yanomami, além dos nomes internacionais Elvira Espejo Ayca (Bolívia), Julieth Morales (Colômbia), Olinda Silvano (Peru), David Díaz González (Peru) e Lanto'oy' Unruh (Paraguai).

*“A exposição Maxita Yano celebra os dez anos da Galeria Claudia Andujar no Inhotim, um espaço que se consolidou como referência na preservação e difusão da obra da artista, assim como na formação de um olhar amplo para a presença indígena no cenário artístico contemporâneo. Ao longo de sua trajetória, Claudia Andujar estabeleceu alianças fundamentais com o povo Yanomami, utilizando a fotografia como ferramenta de luta pela demarcação de suas terras e pela*

*defesa de seus direitos. A nova exposição, ao colocar em diálogo sua obra com a produção de artistas indígenas contemporâneos, busca evidenciar a continuidade dessa luta e a importância das alianças para a construção de um futuro mais justo”,* explica Beatriz Lemos, curadora da exposição. O projeto tem assistência curatorial de Varusa e contou com pesquisa de Douglas de Freitas, Marília Loureiro, Deri Andrade e Lucas Menezes.



Graciela Guarani, *Mbaerete*, 2025

A nova mostra – que propõe uma visão expandida sobre natureza, território, cotidiano, espiritualidade, retrato e alianças – é organizada em núcleos temáticos que convidam o público a se aprofundar na obra de Andujar e a conhecer detalhes de sua produção artística e de seu engajamento na luta indígena. O trajeto se inicia com um conjunto de trabalhos da artista focados em imagens da floresta amazônica, a partir de suas fotografias de paisagens aéreas, como a série *Rio Negro* (1970-71), por exemplo.



Edgar Kanaykō Xakriabá, *dois pontos Canto e dança tradicional Xakriabá*, 2025

Une-se a essa coreografia a presença da artista UÝRA, que utiliza o corpo como suporte para narrar histórias de diferentes naturezas. Com seus autorretratos, UÝRA representa a floresta, que é constantemente observada e, aqui, nos confronta de volta.

A familiaridade com o território Yanomami permitiu a Andujar registrar a vida indígena com sensibilidade e respeito, por meio de imagens que revelam a confiança mútua e a cumplicidade entre a fotógrafa e seus retratados. Na segunda sala da exposição, as obras de Andujar na região do rio Catrimani, onde passou longos anos em convivência com os Yanomami, e da artista Elvira Espejo Ayca, em sua comunidade natal, comuni-

cam que a arte, neste contexto, não é apenas objeto estético, mas é presença e age como condutor de sustentação da memória e da identidade. Assim, a produção artística que emerge da conexão com o território torna-se elemento intrínseco do ecossistema, nutrindo-se de suas particularidades e, simultaneamente, contribuindo para sua preservação.

Na sequência, na grande sala central da galeria, os diálogos entre as obras acontecem em torno da espiritualidade, dos rituais, da luta e do retrato. As fotografias de Andujar mostram o cotidiano e a espiritualidade dos Yanomami, em profunda conexão com o território e revelam a essência deles em comunhão com outros povos

indígenas. Esses aspectos encontram ressonância nas obras de Graciela Guarani, Tayná Uràz, Julieth Morales e Lanto'oy' Unruh, cujas produções artísticas também exploram a relação intrínseca entre cultura, cosmologias e território. Já a representação do corpo indígena como um símbolo de resistência ecoa nas obras de Edgar Kanaykõ Xakriabá, que utiliza a arte como instrumento de luta pela terra. Paulo Desana e David Diaz Gonzales, ambos oriundos de contextos indígenas amazônicos entre Brasil e Peru, apresentam seus trabalhos tendo em vista a prática artística do retrato, técnica essencial para a representatividade dos povos.



David Díaz González, *Hilando y Bordando*, série *Retratos de mi sangre*

Por fim, o quinto núcleo evidencia os impactos destrutivos do contato entre a sociedade não indígena e os Yanomami por meio de registros de Andujar, desde a construção da Perimetral Norte, na ditadura militar, até a persistência do garimpo ilegal. Ali revela-se a devastação ambiental, epidemias e violência que marcaram esse encontro, reforçando o compromisso da artista com a saúde indígena e a denúncia dessas violações. Neste contexto, Denilson Baniwa, em seu trabalho comissionado pelo Inhotim, nos leva para Boa Vista, Roraima, em 2025. A obra é uma cartografia da presença Yanomami na cidade, que com frequência enfrenta extrema vulnerabilidade, como o alcoolismo e a dependência química. Um reflexo das profundas transformações sociais e culturais que afetam esse povo e um tributo à luta pela dignidade dos Yanomami.

*"É muito relevante constatar como que o cenário artístico conquistado pela produção indígena contemporânea foi impactado positivamente pela existência da Galeria Claudia Andujar no contexto institucional brasileiro, nos últimos dez anos. Para o Inhotim, revisar esse projeto reforça não apenas seu compromisso perene com a pesquisa e a inovação, mas também reafirma a qualidade ética dessa galeria e da trajetória de arte e luta de Claudia Andujar",* pontua Júlia Rebouças, diretora artística do Inhotim.

#### **PESQUISA E RECONHECIMENTO**

A exposição apresenta ainda a Sala Documental Claudia Andujar, que se dedica à pesquisa sobre a artista, destacando seu papel como fotojornalista e ativista na defesa dos Yanomami. Com materiais provenientes de importantes acervos, como o Centro de Documentação



Claudia Andujar,  
Urihi-a (da série  
Catrimani), 1976

Indígena (CDI) e o Instituto Socioambiental (ISA), o espaço traça a trajetória de Andujar desde sua atuação na Amazônia até sua influência no campo da arte e dos direitos indígenas. A mostra também revisita a história da própria Galeria no Inhotim, além de momentos marcantes da carreira de Andujar, ressaltando o impacto de sua obra como denúncia e reflexão sobre a representação da imagem.

Hutukara Associação Yanomami (HAY), organização representativa dos povos Yanomami e Ye'kwana com atuação há mais de 20 anos e presidida pelo xamã e liderança Davi Kopenawa Yanomami, assina a curadoria de uma das salas da galeria, apresentando a produção contemporânea Yanomami, com a exibição de vídeos de Morzaniel Tramarí Yanomami e do trio Ainda Harika Yanomami, Edmar Tokorino Yanomami e Roseane Yariana Yanomami, além de 18 desenhos dos artistas Ehuana Yaira Yanomami, Joseca Mokahezi Yanomami, Oneron Yanomami, Salomé Ohotei Yanomami, que trazem o olhar do próprio povo Yanomami sobre si. Essa ação representa grande força no projeto curatorial de Maxita Yano, um lastro de legitimidade e resistência deste trabalho conjunto.

A Galeria Claudia Andujar | Maxita Yano tem a Vale como Mantenedora Master por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e a Parceria Institucional da Embaixada e do Consulado da Colômbia e do Peru e do Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe – CAF.

## SERVIÇO

### **Galeria Claudia Andujar | Maxita Yano**

*Instituto Inhotim*

*Dias/Horários:* de quarta a sexta-feira, das 9h30 às 16h30; sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17h30; nos meses de janeiro e julho, o Inhotim funciona também às terças.

*Ingressos:* Inteira – R\$ 60,00 | Meia-entrada\* – R\$ 30,00

\*Veja as regras de meia-entrada no site:

[www.inhotim.org.br/visite/ingressos](http://www.inhotim.org.br/visite/ingressos)

Quarta Gratuita Inhotim: todas as quartas-feiras são gratuitas  
Domingo Gratuito: todo último domingo do mês é gratuito

*Localização:* O Inhotim está localizado no município de Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (aproximadamente 1h15 de viagem). Acesso pelo km 500 da BR-381 – sentido BH/SP. Também é possível chegar ao Inhotim pela BR-040 (aproximadamente 1h30 de viagem). Acesso pela BR-040 – sentido BH/Rio, na entrada para o Retiro do Chalé.

*Classificação indicativa:* livre

<https://www.inhotim.org.br/>